

## EVIDENCIA DAS MARCAS DO TEMPO ASSINALAM MEMÓRIAS, LUGARES E MOVIMENTOS DOS SUJEITOS

Geralda Maria de Carvalho Z Aidan

[gerazaidan@uol.com.br](mailto:gerazaidan@uol.com.br)

Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (PG)

Comunicações - Interdiscurso, pré-construído, discurso transversal e memória

Coordenação: [Amanda Scherer](#) (UFSM) e [Márcia Dresch](#) (Uniritter)

### **Introdução**

Na atualidade, curiosamente, os idosos se deparam com o fato real, que é o prolongamento da vida, se por um lado, as ciências se desenvolveram para que houvesse a prorrogação da vida com qualidade, por outro lado a sociedade não acompanhou estes avanços com políticas sociais para absorver essa população idosa. Portanto, viver mais é bom, mas não saber como é penoso.

Com base nestes argumentos deixamos uma reflexão ao leitor: Como você quer comemorar os seus 100 anos de vida? Perguntas como essa provoca em nosso meio, um questionamento sobre a realidade que precisa ser mudada, pois verificamos que a sociedade não está preparada para absorver a longevidade humana. E, isso nos faz refletir sobre o modo de vida nos centros urbanos, onde as pessoas estão submetidas a um modelo de existência e submetidos a este modelo, o cidadão se vê condicionado a um padrão que condiciona **lugares e tempos** distintos na sociedade para que eles possam significar, porque esse universo urbano não coincide com os limites da cidade, pois enquanto os discursos os inclui a realidade do cotidiano os exclui.

### **Análise**

Notamos que para este sujeito asilar as formas apropriadas para a expressão do tempo presente se deram a partir da representação de um tempo diferenciado, impostos em instâncias de discurso e moldados num tempo composto. O tempo cronológico deixa de ser cronológico e se expõe à historicidade dos sentidos, nos

quais a memória psicológica tem o alcance da memória de sentidos. Pois, se é memória para os idosos, ela foi constituída como tal, e os sentidos (e enunciações) que a construíram num momento presente em que suas vidas foram projetadas num passado combinado por memórias, de um presente que é o instantâneo do agora e sem nenhuma expectativa, senão o da rotina diária que os envolvem diuturnamente. Pois, para eles não há projeção do tempo futuro, apenas “a espera do tempo”, como eles dizem – isto é, este tempo é o tempo de morrer.

Assim, o que nos interessa é a leitura que este sujeito faz hoje, dos fatos do passado, efeitos transformadores da subjetividade ao longo do tempo, aquilo que se constitui como a sua “verdade”. O efeito de posterioridade não é uma simples ação diferida no tempo, não é o retorno idêntico do passado, porque isso não é um acúmulo de recordações depositadas em algum lugar, à espera de um estímulo qualquer. É o oposto, é uma reconstrução realizada no presente do que foi vivido no passado. A memória não responde pela ratificação do passado e sim pela construção do presente. O passado não existe se não for lembrado, e só o será se a partir do presente for chamado a construir um sentido para a identidade.

Vamos aos recortes da entrevista<sup>1</sup>:

**P:O que mais se lembra que aconteceu ou conheceu em sua vida? (passado)**

**R: Lembro** mais do papai e da mamãe, sempre **dava** conselho pra gente. **Falava** quando **era** mocinha, comigo e com minhas irmãs, a mesma coisa. Minha irmã **morreu**, a outra **morreu** em Batatais, somos cinco mulheres e três homens, somos oito, **agora** só tem três irmãos. Tenho um irmão que mora em São Paulo e outro em Campinas, quando me **lembro** deles... da tristeza, ch(ó)o...ro de **tristeza!!! de lembrar** da minha família, todo mundo também, ch(ó)o...ra.

---

<sup>1</sup> Usamos a técnica de transcrição de Análise da Conversação. In: *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. Cap.3, p. 69-97, São Paulo, Cortez, 2001.

Em consonância com os autores centrais, que abordam a questão do tempo e suas articulações com a memória como elementos fundantes da subjetividade, que nos associamos para pensar a questão da historicidade do sujeito. Assim, se temos uma história é porque conseguimos registrar na memória os acontecimentos significativos de nosso passado, descobrir aquilo que permanece no presente e o quê, de certa forma mudará no futuro, e de tal modo, confirmar a nossa identidade. Portanto, é dessa maneira que a temporalidade e a historicidade do sujeito são inseparáveis. Em nosso corpus, a temporalidade apresenta-se por meio de uma memória discursiva como marcas de uma relação com o tempo e nos evidenciam formas de expressão como um modo de vida peculiar.

Assim, ao observar o recorte “**Lembro** mais do papai e da mamãe, **sempre dava conselho pra gente**”. Falava quando era mocinha, comigo e com minhas irmãs, a mesma coisa”, observamos que, a referência ao tempo que passou traz a construção das lembranças da composição familiar, ou seja, este acontecimento para Pêcheux (1999:56) é parte da luta política pelos sentidos e pela memória, entendida como “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regulamentação (...) é um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos”. E, Preti (1991) afirma que as narrativas pessoais ocorrem com frequência na fala de indivíduos mais velhos, dada sua tendência natural em tornarem-se “contadores de histórias”. De modo que, podemos considerar as histórias relatadas na forma de lembranças como fatos recentes porque pertencem à memória-lembrança de todos como um fato comum. A lembrança do passado para o sujeito institucionalizado é uma memória que desaparece a cada dia e no retorno a estas lembranças é valorizado pelo contraponto da sua realidade. E esta realidade traz para a memória fatos do que não existem mais, mas levam o sujeito

institucionalizado a criar nas suas representações os próprios “lugares” de representação.

Então, **lembrar** este momento da composição familiar aflora na voz desse sujeito a abertura das formações imaginárias em que este locutor universaliza o sentimento que nos é comum. Porque remeter ao passado traz os sentimentos de tristeza, porque “(...) quando me **lembro** deles... da tristeza, ch(ó)o...ro de **tristeza!!! de lembrar** da minha família, **todo mundo também, ch(ó)o...ra**”. O choro tem os sentidos pré-construídos de dor porque não é possível voltar a essa realidade, apenas **lembrar**. Assim o passado é constituído pela memória, que tem por finalidade guardar os segredos da história. E determinar as “constantes” é determinar as realidades e os mecanismos da evolução histórica, ao invés de restringir a narrá-las superficial e ilusoriamente.

### **Conclusão**

Nesta análise nos deparamos com dois sentidos contrastados de unidade da temporalidade. O “presente” ou “agora”, na verdade, parece ser o futuro que já chegou e este presente, por sua vez é um espaço em que quase não há projeções e, quando elas existem, são um arremedo da imagem que circula os sentidos sobre o que é ser “velho”: por isso a lembrança do que já foi. De uma forma ou de outra, o idoso que vive na instituição está no lugar dele, ou naquele lugar que lhe é possível. Uma, que se perdeu, estilhaçada em fragmentos temporais, mas foram remontadas cronologicamente pelas lembranças, e outra, coesa e diferenciada, que permitiu expandir-se na história, uma vez que o acontecimento não se dá no tempo, ele se constitui numa temporalidade pela qual ele significa na medida em que esta articula, funde e enriquece as diversas fases de transformação.